



Entre Brazil e Teorema Zero

Por Renan Turci

Terry Gilliam é um diretor britânico que se tornou reconhecido por participar do grupo de comédia Monty Python, mundialmente famoso por suas piadas ácidas e/ou non-sense. Ficou famoso também pela sua estética muito própria e sólida que veio construindo com o passar do tempo, em filmes cujos mundos são caóticos e de uma rica miscelânea tanto na arte quanto no roteiro. Dois exemplos de filmes que demonstram isso de forma clara são *Brazil: O filme* (1976) e *Teorema Zero* (2013), ambos baseados em criações de sociedades distópicas.

Em *Brazil* o caos advém da burocracia e da automatização do mundo, sendo por causa delas – uma mosca que cai em uma máquina, alterando o nome de Tuttle para Buttle, que nada tinha a ver com aquilo - que toda a história se desenrola. Sam Lowry, personagem principal e um dos melhores trabalhadores do setor público, tenta arrumar essa situação e acaba se envolvendo com uma moça que via em seus sonhos, sendo ela o único fator que faz Lowry realmente sair de sua existência medíocre e alienada para algo maior.

Em *Teorema Zero* o mesmo tipo de personagem, que leva uma vida medíocre e alienada, se apresenta por Qohen Leth. Ele é um cientista da computação que, para trabalhar sozinho em casa, aceita a promoção de ajudar a decifrar o teorema que dá nome ao filme. Porém, diferentemente de Sam, nosso personagem aqui tem uma motivação, um telefonema que dirá a ele o que deve fazer na vida. Isso nos dá uma percepção do tema principal do filme, a fé, sendo a contraposição disso – o niilismo absoluto – o próprio teorema zero, que tenta provar que, por causa de um buraco negro, tudo se extinguirá, se tornará nada.

Essa dicotomia crença x descrença é apresentada pela arte, ações e diálogo, sendo esse último o fator enfraquecedor do poder da imagem no filme. Leth mora em uma antiga igreja, um símbolo clichê, fraco, demonstrando o quanto ele é uma pessoa de fé. Mas, ao mesmo tempo, esse local está velho e abandonado, com a presença de ratos no local, enfatizados em muitos planos, como os em que se joga pizza para eles comerem, simbolizando a fragilidade na crença em algo maior. A descrença, por sua vez, é apresentada pelo buraco negro, algo misterioso e que tudo consome, um medo de nosso personagem que, uma vez no mundo virtual, externaliza seu medo levando a si próprio e Bainsley,

sua amiga, para perto do buraco. No final do filme, ele volta a aparecer quando o protagonista percebe que ele mesmo pode fazer sua vida após a longa jornada até ali, esquecendo a crença no telefonema e se jogando no seu medo, na descrença, no buraco negro. Além disso temos alguns detalhes presentes no filme que ironizam a religiosidade, como a propaganda da igreja do Batman que aparece ao início do filme, quando Leth vai trabalhar. O que incomoda é o diálogo final entre Qohen e seu chefe sobre o teorema, reiterando mais ainda essa dualidade presente no filme, enfraquecendo-o como objeto artístico, devido a essa constante redundância de informações.

Enquanto isso, *Brazil*, é uma obra mais completa e coesa, além de fluído por conta das gags irônicas influenciadas pelo recente trabalho do diretor com Monty Python. Além da crítica à automatização de tudo por meio de máquinas e da burocracia enrijecedora e estúpida, temos presente a alienação e a futilidade como temas apresentados de forma pejorativa. Uma cena que exemplifica bem a maior parte dessas características é a do restaurante, a qual nunca saiu da minha cabeça pela qualidade que ela apresenta. A mãe de Sam Lowry o convida para almoçar em um restaurante chique e ele, por querer conversar sobre a promoção de emprego que ela o tinha arranjado, aceita. De início, já temos ela entrando no restaurante sendo facilmente reconhecida pelo maître, Spiro, o que nos faz perceber sua presença ser rotineira naquele restaurante. Isso, juntamente com as roupas extravagantes e a conversa que ela inicia com sua amiga sobre operação plástica demonstra o quanto essa personagem é fútil. A burocracia se apresenta na hora em que Sam deve escolher um prato para o almoço, pedindo aleatoriamente um “filé malpassado” para dispersar o maître, sem sucesso, pois ele quer que Lowry fale o número do prato, como está no protocolo do restaurante. A ação é finalizada, com Spiro irritado, escolhendo pelo protagonista o prato que para ele será servido. Ao final da cena uma explosão ocorre no restaurante e todos à mesa continuam conversando sobre frivolidades, sem fazer nada a respeito. O fato é que, no próprio diálogo, se fala rapidamente e pejorativamente dos terroristas, que, na realidade, são um grupo de rebeldes contra o governo ditatorial dessa sociedade. Um biombo é colocado pelos funcionários do restaurante atrás da mesa da madame Lowry para que a destruição que a

bomba tinha feito não incomodasse mais a ela e aos demais convidados presentes na mesa.

Mesmo que os dois filmes aparentem ser diferentes entre si, para mim, na realidade, *Teorema Zero* poderia ser considerado uma estranha continuação de *Brazil*. Inicialmente a estética é muito similar, não só por ser o mesmo diretor com características cinematográficas fortes - com um uso recorrente de grandes angulares e a presença de algumas cores berrantes, por exemplo -, mas por toda a criação de um mundo caótico rico em detalhes aleatórios e visualmente potentes em ambos os filmes. Exemplos são, no mais antigo, muita tubulação, uma tecnologia estranha, com pseudo computadores com telas com lente de aumento, arquitetura quadrada, demonstrando a rigidez do sistema, permeados sempre por um cinza empresarial, enquanto no novo existe muitas telas de led, com propagandas diversas embutidas nela – construindo uma vasta poluição visual – e cenários sempre grandes em relação ao ser humano, fazendo analogia à pequenez do homem com relação ao universo. Embora os detalhes sejam diferentes entre si, a quantidade absurda deles faz com que esteticamente os dois filmes tenham uma semelhança.

Mas o maior ponto que faz acreditar nas duas como continuação uma da outra é a relação do protagonista com seu mundo. “Eu não tenho sonhos” diz Lowry ao se retirar do restaurante, e assim - considerando sonhos como uma perspectiva de vida, algo maior para si - é que vivem os dois personagens, sem sonhos. Os dois vivem em seus respectivos contextos sossegados, alienados a sociedade a sua volta e mal reagindo a ela – é só perceber que os dois sequer possuem amigos -, com uma rotina fixa e monótona, saindo dela somente porque o mundo externo lhes obriga a fazer – o cheque não depositado a mulher de Butle no filme de 1976 e a tentativa de solucionar o teorema zero no de 2013. Até aqui, então, os dois se assemelham em sua forma de ver o mundo.

A diferença está na sua relação com o mundo, pois cada sociedade do filme foi baseada em aspectos vigentes nas épocas em que foram criados, um na década de 70 e outro na de 2010. No primeiro vemos uma crítica sobre o que poderia ocorrer com toda tecnologia que estava sendo criada na época, com o princípio dos computadores e automatização das coisas por máquinas com uma pseudo inteligência artificial, demonstrada

principalmente na cena em que Lowry acorda atrasado em sua casa para o trabalho no início do filme. No segundo, pela qual toda a revolução tecnológica dos computadores pessoais, internet e virtualização de serviços e outras coisas – como o próprio sexo, demonstrado quando Leth entra na máquina para passar um tempo com Bainsley – já tinha ocorrido e se percebia as suas consequências para o homem, como o autoisolamento e dificuldade em ter alguma relação interpessoal, demonstrado tanto pelo jeito que o protagonista se porta como na cena da festa, em que todos os convidados estão isolados em suas bolhas, com seus aparelhos eletrônicos que se assemelham a celulares e tablets.

Assim, ao meu ver, um é a continuação do outro por explorar, dentre muitas coisas, a relação que a máquina/computador teria com o ser humano.

Por Renan Turci